

ALMADA

ARQUEOLOGIA • PATRIMÓNIO • HISTÓRIA LOCAL

especial

PATRIMÓNIO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

inquérito aos
**Planos Directores
Municipais de 1ª Geração**
entrevista com
Gonçalo Ribeiro Telles

Pesca de Naufrágios: história e
arqueologia do mergulho

Viriato: o homem e o mito

Património Industrial:

Companhia Portuguesa de Pescas
Construção naval tradicional

IIª Série • n.º 12
Dezembro 2003
13 euros



crónicas • opinião • livros • eventos • notícias • conhecer • escavando online

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos”

do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste

por João Luís Cardoso

Universidade Aberta

A funcionalidade de determinados elementos maciços de barro, comuns em povoados do Neolítico Final e sobretudo do Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal, de formato cilíndrico ou em forma de tronco de cone, de pasta em geral grosseira e mal cozida, ostentando frequentemente marcas de fogo à superfície, tem sido objecto de alguma discussão. Estudos anteriores permitiram demonstrar a assinalável variabilidade tipológica destas peças, desde as corniformes simples, de corpo arqueado (diferenciando-se dos exemplares que possuem uma extremidade superior bifida), até às de corpo direito, cilíndrico, com a parte superior ocupada por superfície quase plana ou mesmo côncava. Um exemplar deste tipo, pela primeira vez identificado e valorizado pelo signatário nas páginas desta mesma revista, há já mais de uma década, provém do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (CARDOSO 1992). A sua tipologia apontava para uma finalidade claramente doméstica e utilitária, pelo que foi incluído na categoria dos “suportes de lareira”, na sequência de estudo anteriormente publicado sobre exemplares calcolíticos do povoado da Penha Verde, Sintra (CARDOSO e FERREIRA 1990).

A evidente constatação de se tratar de grupo heterogéneo de peças, de evidente polimorfismo, levou J. L. M. Gonçalves, ao debruçar-se sobre o notável conjunto de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (GONÇALVES 1994), a considerar dois grupos: o pri-

meiro, seria constituído por exemplares de carácter essencialmente funcional – no que estaria de acordo com o exposto pelo signatário nos trabalhos precedentes –, enquanto as de formato corniforme seriam de cunho ideotécnico.

Entretanto, outros trabalhos vieram a lume, alargando a diacronia da ocorrência dos “ídolos de cornos” ao Neolítico Final, quando anteriormente se acantonavam no Calcolítico; é com o objectivo de efectuar alguns comentários sobre estes últimos achados, refazendo o essencial do historial da discussão, que se deve entender este curto contributo, antecedendo trabalho “em conclusão”, por certo de maior fôlego, da autoria V. S. Gonçalves (GONÇALVES, CARVALHO e POMBAL 2003: 138), que se aguarda com interesse.

As escavações dirigidas por Afonso do Paço e Eugénio Jalhay no povoado fortificado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, proporcionaram a recolha de numerosas peças dos diversos tipos, que os autores reportam sem hesitar a fins utilitários, designando-os por “pés de fogareiros”. No relato das escavações efectuadas no dia 17 de Agosto de 1944, refere-se, textualmente (PAÇO 1954: 40): “*Os operários que há dias sentiram a terra fofa e desprendida à entrada da trincheira transversal, tinham razão. Esta manhã descobriu-se aí um enorme cinzeiro, com um depósito notável de ossos queimados e fogareiros de barro, além de muitos outros ossos*”. Sobre a designação adoptada, de “fogareiros de bar-

a b s t r a c t

There has been some debate over the functionality of some solid clay elements which were usual in settlements of the Final Neolithic and, especially, the Chalcolithic in the Estremadura and in the South of Portugal.

These cylinder or cone shaped pieces, usually of rough and half-baked clay and frequently showing signs of fire on the surface, present a variety of types. For some people their household utility function is obvious, as “fireplace supports”, others believe they are above all ritual and symbolic. The author summarises the history of this problem and comments on recent findings.

r é s u m é

La fonctionnalité de certains éléments bruts en terre cuite, communs chez des populations du Néolithique Final et surtout du Chalcolithique de l'Estrémadure et du Sud du Portugal, a été l'objet d'une discussion manifeste.

D'un format approximativement cylindrique ou de forme conique, en pâte généralement grossière et mal cuite avec de fréquentes traces de feu à la surface, ce sont des pièces possédant une grande variabilité typologique. Pour certains, leur fonction domestique et utilitaire comme “supports de foyer” ne fait aucun doute; pour d'autres, elles auraient essentiellement un caractère rituel et symbolique. L'auteur synthétise l'historique de la question et élabore certains commentaires au sujet de récentes trouvailles.

ro”, tece o seguinte comentário em nota infrapaginal: “*Chamamos «fogareiros de barro» ou simplesmente «pés de fogareiros» à falta de melhor nomenclatura, a uns objectos cónicos de barro vermelho, pouco consistente, que aparecem, as mais das vezes, de permeio com as cinzas».*”

Um levantamento das estações calcolíticas peninsulares que forneceram tais peças, realizado há mais de vinte anos, indicou a existência de doze locais, sendo sete portugueses (KALB e HÖCK 1979: Abb. 7). De entre os sítios mais recentes que merecem destaque, conta-se o povoado calcolítico de Santa Justa, Alcoutim, no qual o seu explorador é claro na sua associação a estruturas de combustão. Cita-se, textualmente, a tal propósito, o autor das escavações: “*Em Portugal, como no sul de Espanha, têm sido quase sempre recolhidos em povoados e a sua presença junto às estruturas de fogo é inegável, sendo particularmente significativos os casos do Cerro do Castelo de Santa Justa, em que sete se dispunham em torno a um forno fechado [...], e o da estrutura I de Xarez 12, onde um exemplar se encontrava a escassos centímetros da área de fogo*” (GONÇALVES, CARVALHO e POMBAL 2003: 137). No entanto, o mesmo autor mantém reservas quanto ao carácter deste tipo de peças, a propósito da ocorrência de um exemplar no nível do Neolítico Final subjacente à *villa* romana da Quinta das Longas, Elvas, a que se reporta o trabalho supracitado.

Em abono do carácter funcional destas peças, independentemente das variantes identificadas, pode invocar-se o facto de todas elas provirem de contextos habitacionais: com efeito, a única ocorrência reportada a contexto funerário – a *tholos* do Escoural, Montemor-o-Novo (SANTOS e FERREIRA 1969: Est. V, n.º 55) –, não pertence a este grupo de peças, sendo, ao que tudo indica, uma representação fálica de cerâmica semelhante a outras oriundas do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO 1995) e a outra, de pedra, recolhido em uma das grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER; ZBYSZEWSKI e FERREIRA 1961: Pl. II, n.º 15).

Recentemente, escavou-se um conjunto de fornos destinados ao fabrico de cerâmicas, sobre a margem esquerda do estuário do Tejo, na Ponta da Passadeira, Barreiro (SOARES 2001). Mais uma vez se afigura evidente a relação entre a grande abundância de corniformes (neste caso, de formato simples) e as actividades de carácter doméstico/industrial realizadas no local, no decurso dos inícios do III milénio a.C., ou ainda desde finais do milénio anterior: com efeito, tais exemplares recolheram-se em estreita conexão com fornos, provavelmente para cozer cerâmica, cujas estruturas de combustão foram postas a descoberto. Aliás, a morfologia de um exemplar recolhido no povoado pré-histórico da Penha Verde, Sintra, já indicava tal utilização, ao possuir uma asa na zona frontal, certamente destinada a facilitar a

manipulação da peça, especialmente quando esta se encontrava sobreaquecida (CARDOSO e FERREIRA 1990).

Outra característica particular deste grupo artefactual é a existência, nalguns exemplares, de uma perfuração antero-posterior, situada em geral na parte de maior espessura, feita com o dedo, ou com outro objecto perfurante, na pasta mole. Como em trabalho anterior já se tinha referido (CARDOSO 1992), tal perfuração tinha um carácter evidentemente prático: dada a grande espessura destes exemplares, o interior só ficaria convenientemente cozido se o calor nele pudesse penetrar, através da circulação de ar quente, o que seria possível pela referida abertura, mesmo que esta não atravessasse totalmente o corpo de cada peça, como frequentemente acontece. Assim se explica a existência de tais perfurações, as quais, repita-se, podem nem sequer estar presentes; nestes termos, dificilmente se compreende o sentido da seguinte afirmação de M. Diniz, ao referir-se a um fragmento de uma destas peças recolhida no povoado do Neolítico Final da foz do Enxóe, Serpa (DINIZ 1999: 114): “*A existência de perfurações na base da peça, e a total ausência de sinais de uso nas perfurações registadas no tronco, parecem afastar estes artefactos de uma possível utilização enquanto suportes de lareira*”... como se fosse admissível alguém fixar uma haste de madeira, em tão reduzido orifício, com aquela finalidade. Não se compreende, também, a inusitada importância que V. S. Gonçalves e colaboradores conferem à dita perfuração: reconhecendo correctamente que a mesma jamais poderia possuir carácter funcional, retiram dessa evidência a conclusão implícita e abusiva de não poderem ter tais peças servido como suportes de espeto... como se tais espetos tivessem de estar enfiados na dita perfuração: na verdade algumas destas peças, designadamente as de duplas protuberâncias corniformes, poderiam ser assim utilizadas, apoiando-se a haste de madeira do espeto entre as duas protuberâncias, independentemente de tais exemplares possuírem ou não perfurações.

Por outro lado, é óbvio que, para suportar qualquer recipiente ao lume, seriam necessárias pelo menos três peças com a morfologia de corniformes simples, duas no caso de corniformes duplos, ou apenas uma caso em que parte superior fosse aplanada, ou levemente côncava, como se observa em exemplares de Leceia, como o já publicado, e em outros, de Vila Nova de São Pedro (GONÇALVES 1994: figs. 9 a 11), a que já anteriormente se fez referência.

Peças de carácter funcional, como são claramente estas, não eram, bem entendido, incompatíveis com conotação simbólica: o simples facto de estarem em contacto ou próximo do fogo, poderia potenciar toda uma gama de associações que ultrapassariam a simples finalidade prática; assim, algumas ostentam curiosas decorações, por vezes de evidente

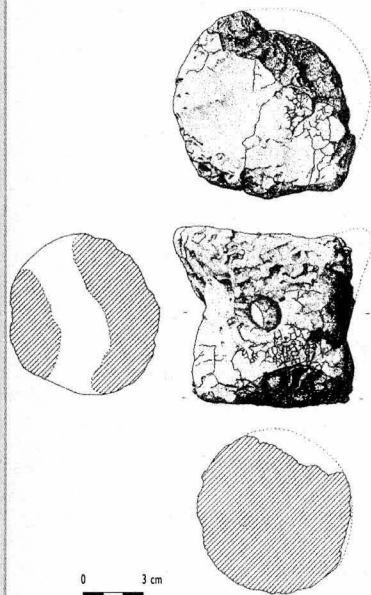


Figura 1 ↑

“Suporte de lareira” do povoado pré-histórico de Leceia. (segundo CARDOSO 1992: 24).

antropomorfismo, com a representação dos bem conhecidos atributos presentes em cilindros de calcário, com olhos, e tatuagens faciais simétricas, a partir do centro de uma das faces maiores (GONÇALVES 1994: fig. 1, n.º 1) o que, evidentemente, não chega para negar o seu carácter funcional. Relembre-se, a propósito, as decorações, de simbólica análoga, presentes nas placas de barro rectangulares utilizadas como elementos de tear, daquele e de outros sítios calcolíticos da Estremadura – as quais, no entanto, não são argumentos suficientes para incluir tais peças na categoria dos artefactos ideotécnicos... no que, ao que parece, todos estamos de acordo. E isto sem esquecer que, mesmo placas de fiação de evidente utilitarismo, poderiam incorporar práticas rituais, como as descritas para o sítio do Castelo Velho, Vila Nova de Foz Côa, por Susana O. Jorge (JORGE *et al.* 1998-1999). Estar-se-ia, pois, numa situação em que a dicotomia entre o “sagrado” e o “profano”, que rege o nosso próprio quotidiano, não é evidentemente aplicável.

Ainda uma última observação: algumas peças corniformes miniaturais que foram encontradas em Vila Nova de São Pedro (GONÇALVES 1994: fig. 7, n.ºs 10 e 11), por serem desprovidas de carácter funcional, poderiam deter significado simbólico inquestionável; porém, também se conhecem algumas das placas de barro rectangulares miniaturas dos exemplares funcionais, como é o caso de exemplar decorado em ambas as faces recolhido em Vila Nova de São Pedro (PAÇO 1940: fig. 3, n.º 18), pelo que tal argumento também não poderá ser invocado a favor do carácter ritual de tais peças; a hipótese de serem brinquedos pré-históricos poderia ser uma alternativa lógica para explicar tão diminutos exemplares, à semelhança das miniaturas de peças utilitárias utilizadas pelas crianças portuguesas, antes do advento do “Game Boy Advance” ou da “Play Station 2”.

Em conclusão: os exemplares recentemente publicados de peças que correntemente se inscrevem

“Os exemplares recentemente publicados de peças que correntemente se inscrevem sob a designação de ídolos de cornos, não configuram assinaláveis alterações ao quadro anteriormente traçado [...] sobre o seu carácter essencialmente funcional.

Esta conclusão [...] baseia-se numa já muito significativa soma de elementos factuais [...], seja sobre as condições de jazida, seja a própria natureza das estações arqueológicas. A tais evidências, acresce a tipologia deste heterogéneo grupo de peças, ao qual a própria designação de ídolos de cornos numa base estritamente morfológica não é sequer aplicável.”

sob a designação de “ídolos de cornos”, não configuram assinaláveis alterações ao quadro anteriormente traçado pelo signatário sobre o seu carácter essencialmente funcional. Esta conclusão, agora reafirmada, baseia-se numa já muito significativa soma de elementos factuais recolhidos desde há mais de cinquenta anos, seja sobre as condições de jazida, seja a própria natureza das estações arqueológicas. A tais evidências, acresce a tipologia deste heterogéneo grupo de peças, ao qual a própria designação de “ídolos de cornos” numa base estritamente morfológica não é sequer aplicável.



Bibliografia

CARDOSO, J. L. (1992) – “Acerca de um Suporte de Lareira do Povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*. Almadia. II Série, 1: 23-26.
 CARDOSO, J. L. (1995) – “Símbolos Sexuais do Povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras)”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5: 251-261.
 CARDOSO, J. L. e FERREIRA, O. da Veiga (1990) – “Três Suportes de Lareira da Penha Verde (Sintra)”. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 1: 5-12.
 DINIZ, M. (1999) – “Povoado Neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): primeiros resultados”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2 (1): 95-126.
 GONÇALVES, J. L. M. (1994) – “Ídolos de Cornos e Suportes de Lareira do Castelo de Vila Nova de São Pedro (Azambuja)”. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa, 2, pp. 147-162.

GONÇALVES, V. S.; CARVALHO, A. e POMBAL, S. (2003) – “A Ocupação Pré-Histórica da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 109-142.
 JORGE, S. O.; OLIVEIRA, M. L.; NUNES, S. A. e GOMES, S. (1998-1999) – “Uma Estrutura Ritual Com Ossos Humanos no Sítio Pré-Histórico do Castelo Velho de Feixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)”. *Portugalia*. Porto. Nova Série, 19-20: 29-70.
 KALB, P. e HÖCK, M. (1980) – “Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrikt Santarém) vorberichtet über die Grabung im Januar und Februar 1979”. *Madriker Mitteilungen*. Heidelberg, 21: 91-104.
 LEISNER, V.; ZBYSZEWski, G. e FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (*Memória* n.º 8 – Nova Série).

PAÇO, A. do (1940) – “Placas de Barro de Vila Nova de S. Pedro”. In *Congresso do Mundo Português: memórias e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História* (I Congresso, Lisboa, 1940). Lisboa. 1, pp. 235-251.
 PAÇO, A. do (1954) – “Castro de Vila Nova de S. Pedro. VI: campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (n.º 7 a n.º 14)”. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série VIII, 3: 31-80.
 SANTOS, M. Farinha dos e FERREIRA, O. da Veiga (1969) – “O Monumento Eneolítico de Santiago do Escoural”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3: 37-62.
 SOARES, J. (2001) – “O Povoado Pré-Histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV-III milénios a.C.”. *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Seixal, 1999). Lisboa: Universidade Aberta, pp. 101-127.